

ROTEIRO CULTURAL

O acontecimento cultural do dia é, sem sombra de dúvida, a estreia da nova peça de José Cardoso Pires no Teatro Aberto. Cardoso Pires não precisa, evidentemente, de ser apresentado aos leitores deste Roteiro, mas o facto de esta ser a sua segunda peça e de já terem decorrido quase vinte anos desde que «O Render dos Heróis» subiu à cena, justifica que lembremos aos novos os anos já distantes da década de 60 em que fazer teatro de qualidade não passava de um sonho de poucos — e em que dramaturgos e actores se batiam diariamente contra as três grandes censuras que vitimavam o teatro português: a censura propriamente dita, a indiferença de um público que anos e anos de espectáculos neutros e vazios tinham afastado dessa forma de vivência social que é o teatro e o analfabetismo que mantinha uma parte imensa da população afastada da vida cultural. Os mais novos dos leitores deste Roteiro, que podem ver e discutir quase tudo o que foi vedado aos seus pais, dificilmente poderão fazer uma ideia do que foi a luta da gente do teatro português ao longo dos anos em que tudo o que representava o teatro vivo e actuante estava proi-



bido entre nós. Como hoje é difícil compreender a aventura que foi, durante todo este tempo, levar à cena uma peça que saísse dos moldes do «teatro-futebol»! Como hoje é difícil compreender o mérito da gente do Teatro Moderno que assentou arraiais ais no Império e que transformou o palco desse cinema num centro de combate em prol do teatro! O

«Render dos Heróis» subiu à cena na época de 64/65, em pleno Inverno, numa encenação Fernando Gusmão. Vale a pena recordar os nomes de alguns dos actores que intervieram no espectáculo: Rui de Carvalho, Maria Cristina, Fernanda Alves, José Amaro, Tomás de Macedo, Carmen Dolores, Rogério Paulo, Jaime Santos, Luís Cerqueira, Armando Caldas, Ângela Ribeiro, Rui Mendes, Maria Scultz, Carlos Cabral, António Sarmento, Morais e Castro, Fernando Soares, Clara Joana, Luís Alberto, Duarte Manuel, Alexandre Passos, Constança Navarro, Fernando Gusmão... Os cenários da peça foram de Octávio Clérigo e a música, de Carlos Paredes. Decorrido pouco mais de um mês desde que a peça subira à cena, terminou o contracto celebrado entre a companhia e a entidade que a subsidiava — terminou o contracto e começaram as pressões que substituíam a censura quando, esta cometia a imprudência de não «cortar», logo de entrada, um espectáculo destinado a «incomodar». (Quem ainda se lembrar de «O Motim», sabe que havia «pressões» de muitas naturezas...) «O Render dos Heróis» lá saiu do Império, como era de prever, mas não sem ter de-

sempenhado um papel importantíssimo no evoluir do teatro português. Tudo isto se passou há muitos anos e hoje não passa de uma história antiga, é certo, mas de uma história antiga que vale a pena recordar aos mais novos por vários motivos que esperamos não ter, um dia necessidade de explicar. Os problemas do teatro português de hoje são outros, embora continuem relacionados com este período a que nos vimos referindo, já que não se reconquista um público em meia dúzia de anos e que as proibições de que todos fomos vítimas tiveram consequências cuja importância ainda é difícil avaliar — uma delas é, sem sombra de dúvida, o desejo que tivemos de fazer, de repente, tudo o que nos fora proibido, bombardeando permanentemente o público com tipos de teatro a que ele não estava habituado e que talvez não tenham contribuído para o levar às bilheteiras. Outro é, também sem sombra de dúvida, a divisão do público em compartimentos mais ou menos políticos que se guerream entre si, esquecendo que o teatro ou é a linguagem comum de um povo — como o foi em todas as grandes épocas — ou adquire o carácter de «passim politiquero» e acaba,

inevitavelmente, por perder a sua significância social. A estreia de uma nova peça de Cardoso Pires é um acontecimento cuja relevância este Roteiro não pode deixar em branco. Falando da sua peça, Cardoso Pires explicou: «O fulcro, para mim, do drama, é a transferência, sadomasoquista que envolve toda a forma de tortura, em conjugação com a expressão teatral de que esse comportamento se reveste». Uma peça, por outras palavras, que promete ultrapassar os objectivos, apesar de tudo limitados, de muitas das que têm subido ultimamente à cena e interessar a um público muito mais vasto do que qualquer dos pequenos sectores em que ele, infelizmente, foi dividido. Uma peça que pode vir a desempenhar, no final desta década de 70, um papel tão importante como o que desempenhou, na década de 60, «O Render dos Heróis».

Um aviso importante aos nossos leitores que se preparavam para ir, hoje à noite, à conferência sobre a sexualidade feminina anunciada para as 21.30 no Centro Nacional de Cultura: a conferência foi adiada para amanhã, à mesma hora. Que os

nossos leitores se congratulem: desta vez não foi este Roteiro que se enganou — os organizadores é que adiaram a conferência...

Carlos Estorninho pública, no Diário de Notícias de hoje um interessante artigo sobre a história do Instituto Britânico, cujo 40.º Aniversário se comemorou no dia 23 de Novembro último. Julgamos que ficaria mal a este Roteiro não se manifestar pela passagem do aniversário deste Instituto que desempenha um papel activo na vida cultural portuguesa. Para o Estorninho e para quantos trabalham no «Britânico», um abraço pelo trabalho feito e o desejo de que este instituto tenha sempre, ao seu serviço, gente com o entusiasmo e o espírito de iniciativa dos que lá trabalham actualmente e a quem o instituto deve muito do prestígio de que goza.

Às 18 h, o dr. Agonia Fernandes profere, na Sociedade de Geografia, uma conferência intitulada «A informática e as ciências da terra. Análise semântica — bases de dados». Trata-se da 10.ª conferência sobre o panorama e as perspectivas da cartografia portuguesa.